

## Trabalho sobre invasão é premiado na UIA



O trabalho apresentado a seguir é de um grupo de alunos da Faculdade de Arquitetura Farias Brito, de Guarulhos, SP, sob orientação da professora e arquiteta Marta Tanaka. Enviado à União Internacional de Arquitetos, em Varsóvia, Polônia, recebeu menção honrosa no Concurso Internacional de Estudantes de Arquitetura daquele evento, tendo sido lá exposto na ocasião e, posteriormente, em Paris, Alemanha e este ano na cidade do Cairo.

O tema básico é o problema da autoconstrução, após um processo de invasão de terras, como resultado de toda uma situação sócio-política da qual não se pode estar alheio. Foi realizada extensa documentação, através dos recortes de jornais, da invasão de uma gleba em Guaianases, bairro pobre da periferia de São Paulo, montada paralelamente às reações do poder público frente a cada nova atitude e conquista da população, fatos lucidamente sintetizados em um quadro histórico de todo o movimento.

A partir desse quadro documental, surgiram quatro pranchas que contavam a participação do grupo no trabalho que se seguiu. Elas estão transcritas a seguir, de acordo com os originais enviados à UIA, mostrando todos os passos e como os alunos passaram do contato com uma realidade "interpretativa" ao contato com a realidade social, tal como se apresenta, muito mais ágil e exigindo soluções imediatas de problemas há muito acumulados. (ARM)

### Invasão de terras e autoconstrução

#### Autores

Alaine Colucci, Cláudio Libeskind,  
Maria do Carmo Maluf, Renato Ribas,  
Sérgio Panella, Tânia Eustáquio,  
Ulisses Florença

#### Orientadora

Marta Soban Tanaka

A Vila 1.º de Outubro surgiu da iniciativa de famílias que já não atuavam efetivamente no processo de produção na nossa sociedade. São os desempregados e subempregados, expulsos aos poucos do centro urbano, uma vez que sua condição não mais permite o acesso à moradia de aluguel, tampouco aos programas habitacionais do governo. A invasão de uma gleba dentro do perímetro urbano é a última alternativa encontrada por essas famílias para ainda participar do espaço da cidade; suas casas são autoconstruídas, com inúmeros problemas de insalubridade, tanto pelo desconhecimento de técnicas quanto pelo despropósito do material utilizado e as condições do processo de invasão.

Porém, com todos esses aspectos negativos, a invasão traz em si um fator de organização social sem o qual ela nem mesmo surgiria. A união de famílias para a efetivação de um processo planejado de ocupação urbana coloca em questão toda a estrutura sócio-política vigente. Aos poucos, a população começa a tomar consciência de seu direito à cidade na hora de exigir do Estado os equipamentos mínimos para a melhoria de sua condição de vida e de agir como consumidor mediário para a compra da terra ocupada. É uma forma de participação na elaboração das diretrizes do planejamento urbano.

A importância do fenômeno da invasão não está no produto moradia/espço urbano; na verdade, está na autoconstrução e no ato de invadir, onde são colocados em discussão os programas habitacionais existentes e o problema dos espaços ociosos do perímetro urbano. O trabalho desenvolvido, para participar do Concurso Internacional de Estudantes de Arquitetura, tem o objetivo de levar uma visão do fenômeno da invasão, e, através da experiência prática, colocar em discussão o papel social do arquiteto frente ao problema, isto é, questionar a formação um

totalmente afastada da realidade social. A convivência com os moradores da Vila 1.º de Outubro deu a base necessária para iniciar esse processo de discussão.

**Invasão e autoconstrução**

Trabalho parte da análise de uma área da periferia de São Paulo, ocupada por 1 200 famílias: 1.º de Outubro.

Em mais de dois anos essas famílias se organizaram a nível de autogestão, invadindo 300 000 metros de terras abandonadas e com problemas jurídicos de propriedade; demarcaram vias, lotes e construíram suas moradias, a maior parte delas diretamente em alvenaria.

A equipe conviveu vários meses com a comunidade da vila, realizando estudos de tipologia e levantamentos das suas condições de vida urbana. Essa convivência levou dezoito famílias a nos solicitar uma proposta de ocupação da área vazia àquela já ocupada. Tivemos a oportunidade de apresentar e discutir o projeto com as famílias interessadas.

O resultado dessa experiência mostrou a necessidade de introduzir, nos critérios de análise, as-

pectos políticos, que envolvem a vila, os técnicos, as universidades e o governo, e de revisar nossa postura de trabalho, importante para sua continuação junto à comunidade.

**2. Tipologia e proposta**

Nessa etapa, a idéia era estabelecer uma comparação entre a situação de ocupação preexistente e a nova proposta. Nossa preocupação inicial restringia-se ao acompanhamento e levantamento de dados da área ocupada, quando surgiu o boato de uma nova invasão. Foi feita, então, a proposta básica que incidia diretamente sobre a divisão de lotes, numa tentativa de racionalizar a ocupação indiscriminada da terra, aliada ao desenvolvimento construtivo dos barracos, o que permitiria, por exemplo, a construção de barracos geminados de um dos lados, gerando maior economia do material. Como pode ser visto nas fotografias, tal idéia não surtiu grande efeito nos moradores.

A própria questão do "tempo" foi um dos elementos de maior impacto sobre o grupo. A invasão ocorreu sexta-feira à noite, uma semana após terem surgido os boatos, e no sábado pela manhã já existiam no local vários barracos, simbolizando a conquista da área. Os dois processos - o de

projeto e o de construção efetiva - mostraram a defasagem existente na dinâmica de cada um deles, o que sem dúvida tornou quase inviável um acompanhamento mais intenso do grupo. Não havia tempo útil para examinar um projeto, discuti-lo e aguardar sua execução. A colaboração do grupo limitou-se, então, à efetiva divisão dos lotes, à execução de plantas no chão, para construção imediata, visando evitar futuros problemas em caso de expansão, como fechamento e vedação de luz aos cômodos interiores, além da proposta de área de uso comum e da horta comunitária.

**3. Processo de ocupação**

Foto 1: o material estocado espera o fim de semana, hora em que a família se une para construir, cada qual ajudando a seu modo.

Foto 2: construção existente, ampljada sem orientação do grupo, mostrando justaposições que comprometem a insolação e iluminação das demais dependências.

Foto 3: barraco construído na noite da invasão, utilizando-se os materiais que estavam à mão, simplesmente para simbolizar a conquista do espaço.

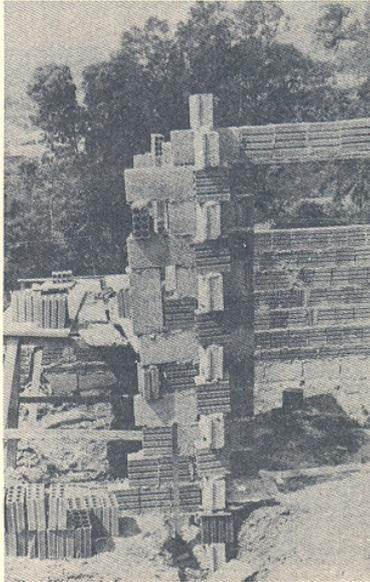
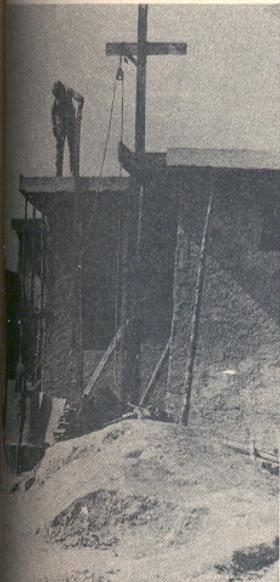
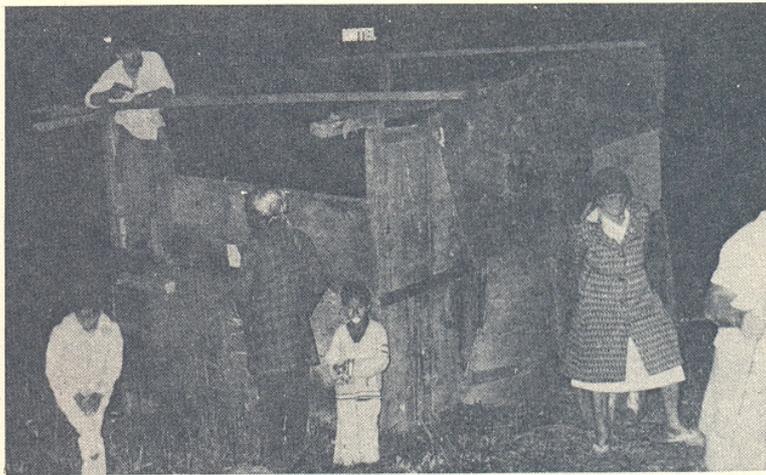


Foto 4: doze horas após a invasão, a construção (ou semiconstrução) já está de pé; toda a mudança é levada para o local, garantindo a posse.

Foto 5: detalhe da técnica construtiva, com a utilização de vários materiais na mesma obra, usados às vezes inconseqüentemente.

Foto 6: em vez de aproveitar a parede existente para construir seu barraco geminado e garantir a economia do material, o morador preferiu fazer sua própria parede. Na argamassa utilizou terra, areia e cimento. O único caso de geminação de casas decorreu do fato de os moradores serem parentes.

Fotos 7 e 8: as casas estão cobertas e habitadas; as pessoas foram orientadas a implantar as casas fora da área central, onde seriam desenvolvidas atividades hortifrutigranjeiras, mas esse espaço é usado para lavar e secar roupas.

### 4. Avaliação e conclusão

Do projeto proposto efetivamente, apenas a demarcação dos lotes e a implantação da horta comunitária foram seguidas. A modesta experiência demonstrou a importância profissional de responder às necessidades imediatas da população

e a incapacidade desta em gerenciar as novas idéias.

O desenho urbano da Vila 1.º de Outubro é uma repetição do espaço "desurbanizado" das cidades dos países subdesenvolvidos. A área ocupada, apesar de escolhida pela própria população, é desprovida de benefícios urbanos mínimos: é a sobra da cidade.

A metodologia de atuação trazida da formação acadêmica foi abandonada logo após a implantação do projeto e levou à mudança de nossa postura diante do trabalho.

### Conclusão

Deve ficar claro que estamos participando de um processo que não começou na Vila 1.º de Outubro nem vai terminar nela; que existe uma série de contingências que forçam a ocorrência de um movimento desesperado como o de uma invasão, a qual não encontra amparo legal dentro dos padrões existentes.

A organização gerada a partir do processo de invasão, como movimento social urbano, é um dos pontos de partida para a reformulação da estrutura político-social do país. A importância de a

população gerir a produção de seu espaço significativa, pois coloca soluções oficiais como soluções para as famílias de baixa renda e dos organismos responsáveis pelos programas oficiais uma retomada do rumo voltada para objetivos, aspirações, necessidades e condições das populações carentes.

A lógica da cidade capitalista, de que os lucros "bons" da cidade pertencem aos que podem pagar por eles, começa a sofrer um abalo diante das periódicas invasões, colocando o governo no impasse. O processo de participação junto à população só dará um salto qualitativo quando as universidades, centros de pesquisas e laboratórios se voltarem efetivamente para o problema dos participantes e não como "donos da cidade". Os técnicos devem reconhecer que a transmissão do conhecimento é recíproca - técnicos/população, população/técnicos - numa sociedade democrática.

Desaparece o tradicional autor do projeto, o suporte social, físico e político pertencente às forças envolvidas.

A invasão não é a melhor das opções. É a

